



“FAZENDO-SE DE LOUCA”: A INVENÇÃO DE SI NO DIÁRIO DE MAURA LOPES CANÇADO (1965)

Carolina de Fátima Linhares Augusto
Universidade Federal do Ceará – UFC
carolinalinharesag@gmail.com

Em 1965 é publicado o diário “*Hospício é Deus: diário I*” de uma autora já bem conhecida e lida na seção do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. Maura Lopes Cançado, mineira de família rica, manteve um diário entre 1959 e 1960, durante sua internação em um hospital psiquiátrico, o Gustavo Ridel, em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Nas páginas escritas, em grande parte no colo da autora com um toco de lápis na cama de seu quarto, Maura Lopes discorre sobre si e sua dita loucura, o tratamento que recebe, as violências que observa e sua relação oscilante com os médicos, as enfermeiras e as outras mulheres internas.

Pensando o diário como gênero, sua escrita é feita a partir de um cotidiano que precisa ser narrado e guardado em memória, o ato de escrever um diário parte de uma vontade de fixar o tempo, sequestrá-lo, contê-lo. Por isso Lejeune (2008) caracteriza o diário como um vestígio, construindo ou mesmo exercendo a memória de seu autor. Além disso, o diário também é considerado uma escrita íntima, e como tal, tem em sua estrutura discursiva as regras que uma escrita particular possui. A publicação do diário de Maura, então, rompe as fronteiras do espaço íntimo, tensionando o público e o privado através dos relatos agora expostos em prateleira. Isso pois, considerando as peculiaridades do gênero, o diário seria um tipo de escrita particular, quase confidencial. No entanto, sua publicação pode revelar alguns jogos literários.

Ao fazer-se do gênero diário como escolha discursiva, Maura escolhe também as características fundantes dessa estrutura, aquelas que a compõem e a fazem transmitir certo enunciado. No caso do diário, é a sinceridade a principal característica a qual está associado. A sua forma, tão íntima ao que parece, traz consigo uma vontade de verdade e seus autores são vistos como corajosos (LEJEUNE, 2008; FOUCAULT, 2011). Contudo, conforme explica Bourdieu (1998), as escritas íntimas como um todo não estão livres da ficcionalização, uma vez que buscam criar certo sentido para uma narrativa que pode



parecer desconexa. Tratando-se especialmente do diário de Maura Lopes, penso que essa investigação precisa considerar essa ruptura como algo planejado, desejado, isto é, com a intenção de publicar. A autora própria anuncia essa vontade nas páginas do caderno e sua escrita não à toa parte da sua infância, como forma de criar uma arquitetura da memória, buscando nas reminiscências uma constatação de seu desencaixe com o mundo.

Reynaldo sugeriu-me escrever um diário. Respondi que já registro todas as minhas impressões. Ele gostaria de publicar o diário no jornal (CANÇADO, 2016, p. 61).

A análise que proponho é, portanto, a de observar no diário de Maura um empenho de “invenção de si”, através de um jogo com as regras da autobiografia. Como escritora de um diário, não é imprevisível que Maura Lopes seja colocada nesse leque de chaves de leituras pela crítica da época. Portanto, as características desse gênero autobiográfico muito interessam aqui.

A escrita autobiográfica é uma forma mais moderna de escrever sobre si, trazendo consigo regras inerentes. Assim como toda estrutura discursiva, essa escrita é acompanhada de um código do dizer que permite que ela se torne socialmente crível. Essa escrita é, sobretudo, marcada por uma defesa de sinceridade (muito mais por parte dos leitores do que de alguns autores) que não é fundada junto com ela, mas guarda resquícios de uma prática que aparece na Antiguidade, mantendo o nome, mas pouco das intenções. A “escrita de si mesmo”, no mundo antigo, releva outros desígnios, como a busca pela confissão, pela observação e exposição de si para a purificação. Na modernidade, no entanto, ela assume outro caráter, há uma tomada de consciência do “eu”, não mais implicado como um conjunto (FOUCAULT, 2002). O entendimento do “eu” com o conjunto de experiências que uma pessoa carrega é o que vai regular a autobiografia como uma forma de escrita de si. Junto a esse movimento, vem a regra de ouro: dizer a verdade, a escrita como tradução da experiência do sujeito, sem precedentes para façanhas ficcionais.

José Miguel Wisnik, em seu texto *Ficção ou não*, caminha nessa discussão sobre o estatuto do “eu”, na literatura e na crítica, e ele é preciso ao escrever que “toda narrativa de si pertence de algum modo ao terreno da ficção, já que aquele que escreve, ao transpor-se para a escrita, se converte, queira ou não, em personagem ou simulacro de personagem”



(WISNIK, 2018, p. 140). É fundamentalmente aí que nasce uma discordância clara com a regra de ouro: a abstração da verdade como um fato em si, correspondendo ao real.

Já fica evidente que a concepção autobiográfica sobre a escrita de si é impraticável, pois a construção da realidade em narrativa revela o que há de mais ficcional no real: um jogo de regras e práticas seguidas em silêncio pactual. Entendo que tal aspecto da “invenção de si”, presente na “escrita de si”, não pode ser tão facilmente admitido pelos leitores da autobiografia, ou mesmo por alguns escritores.

Quando analiso a escrita de Maura, portanto, avalio mais alinhada a uma prática autoficcional. Para Wisnik:

Do meu ponto de vista, a autoficção é o “catalisador” teórico e prático de uma questão mais importante: ela nos devolve para o entrelugar que vige entre o testemunho, o ensaio e o romance, ali onde depoimento, especulação e ficção trocam sinais recíprocos e reversíveis, abrindo um campo ampliado de liberdade à escrita (WISNIK, 2018, p. 140).

A autoficção assume, sem rodeios, elementos ficcionais, enquanto a autobiografia nega a inevitabilidade da ficção. Seu lugar, como defende Wisnik, é exato entre o testemunho, pois aceita que ele jamais será correspondente à totalidade do real, e o romance, dado o uso dos recursos literários (personagens, espaços, passagem do tempo e outros).

É preciso pontuar: quando Maura Lopes Cançado escreve seu diário *Hospício é Deus*, a editora José Álvaro não publica o título como autoficção. Bom, sem dúvidas porque, em primeiro lugar, o termo não existia antes dos anos 1990. O diário é vendido, lido e comentado como *escrita íntima*, um relato legítimo dos desatinos da escritora louca internada em um hospício no Rio de Janeiro. Assim, mesmo lida como autora da sinceridade e da coragem, o exercício que observo em Maura é outro, o da ficcionalização de si. Para argumentar isso, passemos à análise do diário de Maura.

Em *Hospício é Deus* Maura costuma planejar as entradas, os dias narrados são temáticos, escritos como contos ou ensaios. Ela seleciona, recorta, narra e publiciza. Caminha entre as brechas e entende o que isso significa, “prefiro guardar minhas verdades, não pô-las no papel” (CANÇADO, 2016, p.132). Ela tem um compromisso com a escrita, uma responsabilidade acerca do que deve ser dito, faz o jogo da sinceridade e não nega suas invenções.



Ao investigar a escrita de Maura e a sua pessoa, penso que esse movimento de publicar um diário escrito quase como um ensaio é planejado para possibilitar a ocupação nos espaços de aspiração de Maura, especialmente como escritora. A autora faz várias menções ao seu empenho e tornar-se “a maior escritora em língua portuguesa”¹ e pretendia alcançar esse feito com o diário. Sua personagem é, portanto, uma louca genial, colocada ao lado de grandes outras personalidades do tipo: Dostoiévski, Clarice Lispector e Van Gogh. Para entender como essa personagem se constrói, analiso em partes temáticas. Primeiro, a memória.

Como comentei anteriormente, o início do diário é como a escrita de um romance, cavando logo na partida o seu constante contato com o passado. Isso pois, no livro, o passado é o lugar de busca das angústias que levaram o “eu-confessor” ao estado depressivo de isolamento. Essa “volta ao passado”, portanto, faz parte da construção narrativa, pois a autora busca “causas” que deem sentido ao seu atual estado, constrói uma personagem crível quando se baseia nas pretensas verificações do passado, utilizando o desejo de memória como forma de dar veracidade à invenção.

Quando Maura busca a si na infância, a escrita traz sempre a paranoia e a anormalidade para sua pessoa. Isso se exemplifica na figura de Deus, a quem Maura sempre atribuiu o sentimento da culpa e do medo de ser observada. Hospício é Deus, no fim das contas, porque ambos a vigiam, julgando e punindo seus comportamentos, principalmente em relação à sua sexualidade.

Aos cinco anos, talvez antes, travei conhecimento com o sexo, vendo os animais na fazenda e ouvindo meninas, filhas de empregados. Ensinarão-me a encará-lo como coisa feia e proibida. Passei a sentir-me constantemente em falta, por ser grande minha curiosidade sexual. “É pecado fazer coisas feias”, diziam-me. E eu sentia grande prazer nas coisas feias. Mais ou menos nessa época me impuseram deus, um ser poderoso, vingativo, de quem nada se podia ocultar (CANÇADO, 2016, p. 16).

Costumava pensar: “Cristo veio à Terra em forma de homem; Cristo teria sexo? Mas sexo? Pensar isto de Jesus? - Já pensei e deus já sabe. Ele sabia, mesmo antes de eu pensar”. Meu complexo de culpa tornou-se tanto, que ficava chorando pelos cantos da casa [...] (CANÇADO, 2016, p. 17).

¹ No “Perfil Biográfico” da edição da Editora Autêntica, o jornalista Maurício Meireles traz essa referência diante das falas de Maura que dizia almejar ser “a melhor escritora da língua portuguesa”.



Maura cria essa arquitetura da memória para explicar como se sente em relação ao desejo, sempre atrelado à culpa. Quando narra ao leitor as vezes que foi abusada sexualmente na infância, por funcionários de sua casa, ela descreve a sensação como um misto de prazer e nojo. Deus é, portanto, seu primeiro hospício.

Essa intenção narrativa se dá como uma previsão, como se, desde que nasceu, seu destino fosse ser uma louca internada em um hospício. Um presságio do seu diagnóstico: personalidade psicopática e epiléptica. “Doenças” que, no diário, foram muito questionadas por Maura através de seu médico, Dr. A., que não acredita no diagnóstico previamente feito da autora, durante suas internações anteriores. Aqui, é possível analisar como ela conta sua loucura.

O que observo na sua construção narrativa é uma loucura ordenada, adequadamente desviante. As aspirações da Maura estiveram alinhadas a essa “loucura adequada”, que é operacionalizada dentro das práticas de escrita como forma de dar autenticidade às frustrações vividas pela autora ao longo da vida, dando certa ênfase ao seu lugar como mulher. Quase todas as definições que se encontram sobre ela (em matérias de jornais, resenhas do diário e outros textos) são assim: menina rica, de família mineira influente, casou-se cedo, contra a vontade do pai, engravidou e separou-se, depois passou a ser ignorada pela alta classe das cidades e proibida de estudar. Sobre isso, ela diz:

[...] passei a sofrer com brutalidade os reflexos do condicionamento imposto a uma adolescente numa sociedade burguesa, principalmente mineira – e principalmente quando esta adolescente julga perceber além das verdades que lhe impõem, e tem, ela mesma, sua própria verdade (CANÇADO, 2016, p. 24).

Ela constrói sua loucura, portanto, como forma de inadequação ao mundo que rejeita suas aspirações. Por isso considero uma loucura ordenada, pois suas ações enquanto “louca” são constantemente justificadas como ações de resposta às “rejeições injustas”. Ela é uma rebelde coerente. O curioso é analisar como essa intenção ficcional acerca de si aparece no próprio diário enquanto uma questão escancarada.

Um meu amigo disse-me certa vez que eu tentava impor-lhes minha pseudoepilepsia: “Você considera bonito ser epiléptica, certamente pensando em Van Gogh, Dostoiévski e outros. Infelizmente não tem chance de contágio, já que o mal não é transmissível. Se estivesse na



época romântica, quando a tuberculose era considerada doença de artista, talvez tivesse êxito, forçando um romance com um tísico e desprezando todas as medidas profiláticas. [...]” (CANÇADO, 2016, p. 143).

Maura usa a acusação do amigo tanto para se justificar aos leitores, quanto para reafirmar seu lugar como louca. Ela diz: “muito espirituoso meu amigo, mas gostaria que ele experimentasse uma única vez o que experimento com frequência” (p. 144). Mantenho em vista, portanto, que essa imagem acerca de si é uma invenção e, logo, sua loucura é narrativa. Não é à toa que é Maura quem busca suas três primeiras internações, inclusive no hospital onde escreve o diário, e diz que ninguém, além dela mesma, entendeu a razão daquela internação (CANÇADO, 2016, p. 67).

O interessante é observar como ela própria se revestia desses rótulos para agir, “fazendo- se” de louca para conseguir subverter o discurso e explorar suas controvérsias na escrita do diário. Uma das táticas narrativas que ela usa é a constante comparação com outros escritores “doidos”, em situação de incompreensão ou em privação de liberdade.

Li numa revista um trecho de uma carta de Dostoiévski, escrita da Sibéria, durante sua prisão. Ele me pareceu humilde. Julguei-me então capaz de conseguir também ser humilde. [...]. Pensava em Dostoiévski. Porque Dostoiévski, além da insulina, foi a única ajuda que recebi no sanatório da Tijuca. (CANÇADO, 2016, p. 152)

Meus problemas são inúmeros, e um dos mais graves é este: medo de me deixar analisar e não conseguir mais escrever. Tenho ouvido falar a esse respeito. Van Gogh, Gauguin, Rimbaud, Dostoiévski e tantos outros não foram jamais analisados. (CANÇADO, 2016, p. 106)

Mas se Clarice já foi internada em hospitais desse gênero gosto de saber. Então ela também? (CANÇADO, 2016, p. 118).

Ao se colocar próxima de grandes escritores, Maura permite que o leitor a encare como a eles. uma louca genial, com desejos e subjetividade. Exemplo disso é quando diferencia a “louca” da “doente mental”. Para a autora, “os loucos parecem eternos” (p.25), são aqueles que se entregam, transpõem a fronteira do tempo de fora para o tempo do hospício. Os loucos, portanto, são aqueles que jamais sairão do hospício, é a “fase digna da coisa” (p.25), enquanto os “doentes” resistem.

Estar internado no hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria compõe a parte dúbia, verdadeiros doentes mentais. Lutam



contra o que se chama doença, quando justamente esta luta é que os define: sem lado, entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros. Não conseguem transpor o “Muro”, segundo Sartre. É a resistência (CANÇADO, 2016, p. 25).

Maura se inclui nesse grupo, “não creio que venha a me tornar louca” (p. 26), pois são precisamente os “sintomas” da “doença” que a afligem. O doente é o interno que tem medo, sobretudo. Portanto, agarra-se ao mundo de fora, aos seus princípios da antiga vida, agarra-se à cura. Para ela, as loucas internas são santas, não possuem mais conexões externas ou desejos, estão entregues à desrazão. Mas não ela, ainda deseja.

Como já mencionei, de acordo com as táticas da autora, ainda que diga que não é louca, faz-se de louca em vários momentos. Isso pois, em Maura, a loucura é, precisamente, literária e sensível. Isso se dá várias vezes ao longo do diário, principalmente em conversas repetidos com Dr. A., seu médico. Dois diálogos muito parecidos são encontrados em dois dias diferentes do diário.

- Mas Dr. A., não me conformo. Que mundo o da loucura. Não são sensíveis?
- Tão sensíveis que ficaram loucas (CANÇADO, 2016, p. 97).

- Elas não sofriam, Dr. A., os loucos não sofrem? Não são sensíveis?
- Tão sensíveis que ficaram loucas (CANÇADO, 2016, p. 119).

Em outro momento, a loucura aparece novamente associada à sensibilidade, quando é dito à Maura que Clarice Lispector já esteve em um hospício.

- Clarice já esteve internada? – perguntei.
- Apenas três vezes, não digo? Tanta sensibilidade não podia passar impune (CANÇADO, 2016, p. 118).

Busco analisar, portanto, uma loucura, como já foi dito, ficcionalizada, e a literatura é esse lugar sensível que Maura pode tocar por meio da sua escrita. Essa possibilidade de construir certas imagens acerca da loucura é também o que permite a Maura chegar na questão do “tempo eterno”. No diário, ela conta:

Um domingo qualquer - não sei a data, mas é domingo. Amanhã, se me lembrar, corrigirei todas as datas erradas do meu diário. Ou, eliminarei todas as datas. Não tem importância [...] Todas as datas são mais ou menos a mesma coisa (CANÇADO, 2016, p. 184).

Antes me parecia haver um depois. Agora não me parece haver além de



agora. Há muito tempo o tempo parou. – Onde? Sou o marco do esquecimento. (CANÇADO, 2016, p. 149).

Das sete da manhã às seis da tarde o pátio existe, sufoca, mata, oprime. Um dia. Tempo. Que tempo? Que horas são? Coisas guardadas ou dadas de presente. Ou arrancadas em parto doloroso. (CANÇADO, 2016, p. 159).

Na escrita sobre os dias, a loucura se constrói como uma realidade de percepção da passagem do tempo. Analiso que, através da escrita, Maura indica que no hospício os internos nunca mudam, suas “doenças” nunca são “curadas”, seu quadro clínico nunca está “evoluindo”, são como corpos desencarnados. A linguagem da ciência psiquiátrica moderna toma forma no tempo e no espaço e aprisiona as “loucas” na eternidade.

Bakhtin (2018), ao tratar da questão do cronotopo, o define como “interligação essencial das relações de espaço e tempo”. No cronotopo, o tempo ganha corpo e o espaço é incorporado ao seu movimento, ambos passam a integrar a narrativa como uma forma de percepção do que está ao redor. Penso que essa contribuição ajuda a investigar como a loucura aparece como perspectiva de “tempo eterno” intrinsecamente ligada ao hospício, principalmente ao se falar em diário, um gênero marcado pela escrita condicionada à data.

No diário de Maura, que é o cronotopo em questão, a eternidade é o tempo linear e liso, enquadrado no cotidiano no qual a sua passagem não é sentida. A autora associa esse tempo à loucura, assim, para as loucas, o tempo divino e eterno é ao mesmo tempo liberdade e prisão, céu e inferno. Para Maura, estar submetida a esse tempo é, enfim, virar uma louca digna, sem esperar o tempo do amanhã, ou melhor, o tempo de fora do hospício. Como já citado, ela ainda não se enxerga nessa fase.

Estou perdida no meu mundo de depois. Estou só, como o prenúncio do que virá tarde demais. Sinto na carne meu desconhecimento da dor. Ele enlaça-me, fere-me, busca matar-me. E se ainda não morri é porque não encontrou em mim o humano. Avanço, cega e desnecessária – não é este o meu tempo. Fora da vida, do mundo, da existência - apesar de enclausurada. Que sou eu? Não importa. [...]. Obrigada a marchar como os outros, aparentando ser o que não sou, ou perturbo a ordem. Regredir é minha preocupação permanente. Dançar como os que me cercam. É o que procuro em vão, minha preocupação permanente – porque não me agrada ser vítima de um erro do destino. Busco apequenar-me dia a dia: este cotidiano mata-me – e parece ser minha única tarefa a desempenhar na Terra. Depois passarei, sem conseguir minha identificação. E não serei jamais alguém, frequentei um tempo errado. Apesar desse erro,



ou, em consequência mesmo desse erro, sou tranquila e longe (CANÇADO, 2016, p. 171).

A forma que Maura mobiliza sua escrita ajuda a compor o diário como corporificação do “tempo eterno”, uma vez que nem ela mesma sabe, muitas vezes, em que dia está escrevendo. A sua tentativa, portanto, de não passar para o “tempo de lá” (do hospício), abandonando o tempo de fora, é perdida no seu exercício de escrita. Ela passa, portanto, a dançar como os que a cercam, “fazendo-se de louca”.

A escrita de Maura, portanto, não é uma expressão pura de subjetividade, muito menos uma chave para acessar o íntimo da autora. Ela é o mais ficcional que uma escrita de si pode ser, justamente porque sua pretensão é uma *invenção de si*. Esse aspecto não é exclusivo de Maura: falar sobre si é necessariamente uma ação ficcional, construída em narrativa. O excepcional em Maura não está na invenção, mas na consciência da invenção, na intencionalidade da criação.

Sou demais sonsa para qualquer pronunciamento honesto a meu respeito. Mesmo, eu me desconheço quase completamente, meus atos me surpreendem tanto quanto a outra pessoa. Sou incapaz de analisar-me um instante e dizer corajosamente para frente uma verdade acerca de mim mesma. Ainda quando me creem inocente e sem defesas, julgo estar enganando. A inocência que aparento e tanto encanto me traz é dependente da minha vontade e consciência (CANÇADO, 2016, p. 36).

Resenhas em jornais, revistas de literatura e críticos só sabiam falar do diário pela chave da beleza e coragem do testemunho de alguém tão genial em uma situação tão comovente. A vontade que a autora anunciava de se tornar uma grande escritora parece se concretizar por essa via, o convencimento da sua genialidade louca.

O curioso de *Hospício é Deus* é justamente o controle exímio que Maura tem dos artifícios discursivos que criam na sua escrita um efeito de real² tão convincente que permite que a autora confesse sua façanha imaginativa sem, contudo, ser questionada ou ter seu testemunho colocado em xeque.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

² O efeito do real é entendido pelas formulações de Roland Barthes. Ver: BARTHES, Roland. O discurso da história. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



BAKHTIN, Mikhail. *As formas do tempo e do cronotopo no romance. Biografia antiga e autobiografia*. In: **Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editoria 34, 2018.

BARTHES, Roland. *O discurso da história*. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína; (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus: diário I**. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 5ª ed., 2016.

CERTEAU, Michel de. *A história, ciência e ficção*. In: **História e psicanálise: entre a ciência e a ficção**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

EAKIN, Paul. Falando sobre nós mesmos: as regras do jogo. In: **Vivendo autobiograficamente**. A construção de nossa identidade narrativa. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p. 17-71.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 10ª edição. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura: na idade clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II**: curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A Escrita de Si*. In: **Ditos e Escritos I: Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2002.

GOMES, Angela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

FAEDRICH, Anna. Autoficção: um percurso teórico. **Criação & Crítica**, n. 17, p.30-46, dez. 2016.



NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

WHITE, Hyden. Enredo e verdade na história da escrita. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 191-210.

WISNIK, José Miguel Soares. Ficção ou não. **Revera**, v. 3, p. 126-150, 2018.